

A Justiça que muda vidas

Projeto do IV Jecrim oferece oficinas e encaminha jovens ao primeiro emprego

Daniel Brunet
daniel.brunet@oglobo.com.br

• O incômodo de um juiz criminal diante das mazelas que a desigualdade social impõe a muitas crianças da cidade, fez com que o Poder Judiciário do Rio se tornasse mola propulsora da transformação e do crescimento pessoal e cultural de cerca de 80 adolescentes, nos últimos três anos. Em meados de 2006, o titular do IV Juizado Criminal Especial (Jecrim), Luís Gustavo Grandinetti, criou o projeto social Pró-Florescer, que, atualmente, oferece oficinas de jardinagem, esporte e educação, incentivo à leitura, artesanato e reforço escolar a 40 adolescentes, todos moradores de comunidades sob influência do tráfico e com idade entre 12 e 18 anos. Além de ser de-

cisivo no amadurecimento dos alunos, o Pró-Florescer, que funciona no Jardim Botânico, trata de incluí-los no mercado de trabalho.

— Buscamos adolescentes que tinham interesse em mudar de vida, em buscar conhecimento. Encontramos famílias que não queriam que seus filhos e netos entrassem para o tráfico de drogas. O projeto foi uma alternativa para eles — conta o juiz Grandinetti.

Para sustentar o Pró-Florescer, o magistrado decidiu direcionar parte dos valores das transações penais — pagamento que o réu, que tenha cometido um crime leve, faz para que a ação seja encerrada — do IV Jecrim para o projeto. Antes disso, o montante era usado para financiar obras em presídios.

— É muito melhor usar o dinheiro para construir algo. Os presídios só destroem — diz ele.

O projeto ganhou forma após a parceria com o Jardim Botânico, que cede espaço

para as aulas, e com a Associação de Amigos do Jardim Botânico (AAJB), que gere a verba do Pró-Florescer.

Além de ganharem uniforme e material didático, os 40 alunos, que têm acompanhamento pedagógico e psicológico, recebem bolsa de estudo, que varia de R\$ 50 a R\$ 350.

Aulas de conhecimento geral também fazem parte do currículo. Regularmente, os adolescentes, que precisam estar estudando para participar do projeto, visitam museus, assistem a filmes e passeiam por pontos turísticos da cidade.

— Muitos deles nunca tinham ido ao Cristo Redentor. Só o tinham visto de longe — afirma o juiz.

Em quase quatro anos, o Pró-Florescer encaminhou dezenas de jovens ao mercado de trabalho. Alguns, por exemplo, ganharam emprego numa empresa de jardinagem que presta serviço para o Tribunal de Justiça e para o Conselho Regional de Informática. Parte dos adolescentes que ainda cursam o projeto dá expediente nos setores administrativos do IV Jecrim e do Jardim Botânico. Incluídos na Lei do Jovem Aprendiz, eles são re-

munerados e têm a carteira de trabalho assinada.

— Queremos fazer mais. Só que precisamos de apoio, de mais parceiros. O projeto custa R\$ 13 mil por mês e podemos atender apenas 40 alunos. Além disso, só abre vaga quando algum deles entra para o mercado de trabalho — conta Grandinetti.

Algumas oficinas são cíclicas e dependem de parcerias ou do cumprimento de medidas ou penas. Pessoas que são réus por terem cometido algum crime considerado leve — lesão corporal leve, ameaça, injúria etc — têm como opção cumprir



Fotos de Leticia Pontual

■ O JUIZ Grandinetti caminha com os alunos pelo Jardim Botânico. Ao lado, as atividades de jardinagem

medida no projeto, ministrando oficinas. Dessa forma, os alunos já tiveram aulas de inglês e informática.

— Estamos articulando uma parceria para retomar as aulas de informática — conta o coordenador pedagógico do projeto, João Carlos Silva.

O professor de Educação Física Fágner Ribeiro Simões, de 30 anos, envolveu-se numa briga dentro de uma boate, em 2006. Processado criminalmente, ele evitou a condenação cumprindo medida no Pró-Florescer. Fágner gostou tanto da experiência que, hoje, é um dos cinco professores con-

tratados pelo projeto.

— Muitos alunos deixam de entrar no tráfico para estar no projeto. Alguns não recebem orientação dos pais, e a gente acaba cumprindo esse papel. É muito gratificante trabalhar com eles — comenta Simões.

Além do conflito entre a vontade de crescer e a falta de mais parcerias, o projeto passa por um impasse. Nas próximas semanas, o juiz Luís Gustavo Grandinetti será promovido a desembargador e deixará o IV Jecrim.

— Não sei se o próximo juiz vai dar continuidade ao Pró-Florescer, se vai conti-

nuar direcionando o dinheiro da transação penal para o projeto. Esse é um receio que eu e os professores temos — conta Grandinetti.

O coordenador pedagógico do Pró-Florescer, que é funcionário do Jardim Botânico, torce pela continuidade.

— O projeto muda a vida desses meninos. Nunca tinha visto um juiz criminal propor um projeto desses. Fico surpreso até hoje — ressaltava João Carlos da Silva.

O GLOBO NA INTERNET

▶ Você conhece outras iniciativas como esta?
oglobo.com.br/bairros

Conhecimento e planos

• Driblando a exclusão social, os alunos do Pró-Florescer enxergam uma luz no fim do túnel. É o caso de Maurício Peres, de 17 anos, três deles passados no projeto. Morador da Rocinha, ele diz que pensou até em entrar para o tráfico de drogas.

— Eu queria ficar com meus amigos, sem fazer nada. Via os traficantes com cordão de ouro, mulher e moto. Queria ter o mesmo. Mas pensei na minha família e no meu futuro. O projeto me ajudou a mudar — diz ele.

Hoje, além de participar das oficinas, ele é assistente administrativo da presidência do Jardim Botânico, ganha R\$ 312 por mês e sonha com uma carreira na Polícia Federal.

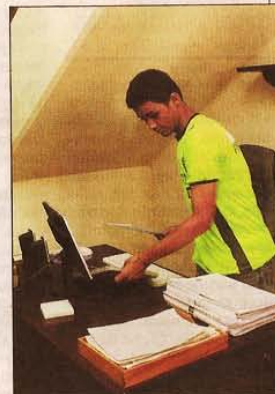
— Quero fazer Direito — afirma ele, que estuda à noite no Colégio Santo Inácio.

Morador da co-

munidade Parque da Cidade, Renato Franco, de 17, é ex-aluno do Pró-Florescer. Atualmente, trabalha como assistente administrativo da AAJB e ganha R\$ 250.

— Melhorei meus conhecimentos em informática. Quero fazer um curso de técnico e trabalhar com isso. Antes do projeto, eu nem pensava nessas coisas — conta ele.

Leticia Pontual



■ MAURÍCIO quer estudar Direito